

**CAMPANHA DA LEGALIDADE E GRUPOS DE ONZE: A REPRESENTAÇÃO  
SATÍRICA EM CÁGADA (OU A HISTÓRIA DE UMA CIDADE A PASSO DE) DE  
GLADSTONE OSÓRIO MÁRSICO**

**LEGALITY CAMPAIGN AND GROUPS OF ELEVEN: THE SATIRICAL  
REPRESENTATION OF GLADSTONE OSÓRIO MÁRSICO IN TURTLE (OR THE  
HISTORY OF A CITY AT THE STEP OF)**

Recebido em: 05/08/2023

Aceito em: 09/09/2023

Gláucia Elisa Zinani Rodrigues<sup>1</sup> 

**Resumo:** O artigo analisa a representação da Campanha da Legalidade e dos Grupos de Onze em *Cágada (ou a história de uma cidade a passo de)* do escritor erechinense Gladstone Osório Mársico (1927-1976), o recorte do estudo é o ano de publicação do romance, em 1974. Erechim, localiza-se no norte do Rio Grande do Sul, neste ambiente o escritor e vereador erechinense inspirou-se para elaboração de sua obra satírica ficcional, com isso, espera-se encontrar elementos verossímeis sobre o contexto político da década de 60, coincidente com o Movimento da Campanha da Legalidade liderada por Leonel Brizola, bem como a formação dos Grupos de Onze na região do Alto Uruguai. Portanto, objetiva a analisar as representações destes dois eventos históricos em *Cágada (ou a história de uma cidade a passo de)*, devido sua literatura ser satírica. O cruzamento de fontes inclui revisão bibliográfica, utiliza para análise o conceito de representação de Roger Chartier. Em termos teóricos metodológicos, dialoga com a História Cultural e situa-se na fronteira entre a Literatura e a História.

**Palavras-chave:** Campanha da Legalidade; Grupos de Onze; *Cágada*; Gladstone Osório Mársico.

**Abstract:** The article analyzes the representation of the Campaign for Legality and the Groups of Eleven in *Turtle (or the story of a city at step of)* by the Erechinense writer Gladstone Osório Mársico (1927-1976), the study cut is the year of publication of the novel, in 1974. Erechim, located in the north of Rio Grande do Sul, in this environment the writer and city councilor from Erechin was inspired to elaborate his fictional satirical work, with this, it is expected to find credible elements about the political context of the decade 1960s, coinciding with the Legality Campaign Movement led by Leonel Brizola, as well as the formation of the Grupos de Onze in the Alto Uruguai region. Therefore, it aims to analyze the representations of these two historical events in *Turtle (or the history of a city at step of)*, due to its satirical literature. The crossing of sources includes a bibliographic review, using Roger Chartier's concept of representation for analysis. In theoretical and methodological terms, it dialogues with Cultural History and is located on the border between Literature and History.

**Keyword:** Legality Campaign; Groups of Eleven; turtle; Gladstone Osorio Marsico.

## INTRODUÇÃO

O artigo analisa a representação da Campanha da Legalidade e dos Grupos de Onze no

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras - Português e Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (2012). Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (2019). Pós-Graduação Lato Sensu em Docência para Educação Profissional e Tecnológica, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES). Pós-Graduação em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa (2021) pela Dom Alberto. Doutoranda em História pela Universidade de Passo Fundo, orientada pela Prof. Dra Gizele Zanotto bolsista CAPES. E-mail: [170134@upf.br](mailto:170134@upf.br)

romance *Cágada*<sup>2</sup> de autoria do escritor erechinense Gladstone Osório Mársico (1927-1976), o recorte do estudo é o ano da primeira publicação do romance (1974), pela editora porto-alegrense Movimento. *Cágada* foi posteriormente republicada na edição em 1980, e a terceira e última reedição em 2006, publicação em comemoração do aniversário dos 80 anos do escritor, todas edições pela mesma editora.

Gladstone Osório Mársico nasceu em Viadutos ex distrito de Erechim, atuou como advogado e escritor, defendeu juridicamente os apoiadores da Legalidade e, posteriormente, perseguidos do Golpe Militar de 1964<sup>3</sup> conforme Rodrigues (2019). Atuou como Presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em Erechim na década de 50, apoiador da Campanha da Legalidade promovida por seu correligionário Leonel Brizola, traz para a ficção de *Cágada* elementos coincidentes que não deixados despercebidos, o autor utiliza sua vertente satírica e traz para a ficção o contexto histórico da década de 60 e aspectos vivenciado por ele em Erechim, mais especificamente a Campanha da Legalidade e os Grupos de Onze. O artigo objetiva-se a analisar as representações destes dois episódios históricos em *Cágada* devido sua literatura satírica sendo uma fonte de pesquisa. Quanto ao conceito de sátira, Magalhães (2020, p. 68), salienta que na sátira:

não há ingenuidade, todos os movimentos são engajados na construção da crítica. O riso, o humor contido nos textos, estão diretamente subordinados à questão da construção de um olhar contestador sobre a realidade histórica que se vivia na época de sua feitura e publicação.

Além disso, “a sátira tem a finalidade de criticar fazendo troça de determinadas situações ou pessoas. Apelando à ironia, à paródia e ao sarcasmo, consegue expressar o seu repúdio àquilo que critica”, conforme Magalhães (2020, p.30). Acredita-se que Mársico por apoiar a Campanha da Legalidade e conhecer a situação dos colonos da região do Alto Uruguai envolvidos nos Grupos de Onze, então por meio de *Cágada* resolve escrever uma crítica à política do país. Quanto ao conceito de representações adotado neste artigo pertence a teoria do francês Roger Chartier (1988, p.17), as define:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a

---

<sup>2</sup> A autora utilizará *Cágada*, ao referir-se a obra *Cágada (ou a história de uma cidade a passo de)*.

<sup>3</sup> Em 1964, foram presos em Viadutos- RS pelo Capitão Gonçalino, o Sr. Alvadi Munaro e o vereador o Sr. Albino Cadore o qual, com um pedido de *habeas corpus* solicitado por Mársico foram soltos.

posição de quem a utiliza.

Em termos teóricos metodológicos dialoga com a História Cultural e situa-se em dois campos do conhecimento, da Literatura e da História, sobre a afinidade e o distanciamento, que

por vezes, esta aproximação da história com a literatura tem um sabor de *déjà vu*, dando a impressão de que tudo o que se apregoa como novo já foi dito e de que se está “reinventando a roda”. A sociologia da literatura, desde há muitos anos, circunscrevia o texto ficcional no seu tempo compondo o quadro histórico, no qual o autor vivera e escrevera sua obra. A história, por seu lado, enriquecia por vezes seu campo de análise com uma dimensão “cultural”, na qual a narrativa literária era ilustrativa de sua época (MACHADO; COSTA, 2006, p.11).

Dando sequência, o romance *Cágada* possui um narrador em terceira pessoa, classificado como onisciente. A divisão temporal ocorre em dois períodos históricos, o primeiro por volta de 1910, com a existência de uma tribo, e a chegada de (i) migrantes judeus na colônia, denominada por diversos nomes como: Terras da ACA, as Terras de Namai e sua tribo, as Terras do Bugre sem fala, Velópolis e finaliza chamando o município de Cágada, que por sua vez dá nome ao livro. Para este artigo, analisaremos o segundo período histórico abrangendo a década de 60, a Campanha da Legalidade e os Grupos de Onze, antecedendo o Golpe Militar de 1964.

Para o leitor adentrar no enredo desse município imaginário no qual “o município vivia momentos difíceis. Estava-se no ano de 1964 e Jango desgovernou o Brasil, depois daquela misteriosa renúncia de Jânio” (MÁRSICO, 1974, p. 175). Então, o Comandante ouve os pronunciamentos de Leonel Brizola, e Ovo de Páscoa quer que o município de Cágada chame atenção no Rio Grande do Sul para com isso atrair migrantes judeus. Ovo de Páscoa e seu sobrinho Babico buscam assinaturas e organizam um grupo erechinense de onze, sendo divulgado nacionalmente pela Rádio Mayrink Veiga. Este grupo é formado por Coronel Maneio, Ovo de Páscoa, Perna de Pau, Comandante, Babico, Mister Glupp, Muja, Lady Hilda, Lady Salma e mais três vereadores (o autor não lhes atribui nome).

O Grupo dos Onze viaja com o trenzinho da ACA a Porto Alegre para trazer novos judeus, mas sem sucesso o grupo retorna ao município de Cágada. Em poucos dias, Cágada é invadida por uma força revolucionária e o grupo de onze parte de trem com seus integrantes presos. O único que restou no município foi o Padre Nero, que continua a vagar nos campos em busca de um local para construir sua igreja, e o papagaio falante Gimbo, que pertencia ao indígena Namai. A partir disso, busca-se no próximo tópico realizar a análise e uma breve consideração final.

## DESENVOLVIMENTO

Na década de 60, ocorreram vários acontecimentos no cenário político brasileiro, como a renúncia de Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961, a Campanha da Legalidade para assegurar a posse do vice João Goulart<sup>4</sup> como Presidente do Brasil, derrubando o veto dos ministros das Forças Armadas à sucessão legal do presidente Jânio Quadros, Depois a organização de Comandos Nacionalistas, ou Grupos de Onze<sup>5</sup> por intermédio do Governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola<sup>6</sup>, posteriormente, culminando no desfecho do Golpe Militar em 31 de março de 1964. Conforme Resende (2018, p. 2):

Nos primeiros anos da década de 1960, a crescente instabilidade política e a aceleração da inflação intensificaram as tensões. Ao tomar posse em janeiro de 1961, Jânio Quadros defrontou-se com a herança macroeconômica do período Kubitschek. Sem mecanismos institucionais para a criação de poupança, o esforço de industrialização acelerada provocara profundos desequilíbrios internos e externos. O tímido esforço de enfrentar o desequilíbrio externo, sem um programa de estabilização coerente, associado a uma base de sustentação política frágil, levou à renúncia de Quadros e ao colapso de seu governo em agosto de 1961. Entre janeiro de 1961 e março de 1964, o país teve três presidentes e seis ministros da fazenda, a economia se estagnou e chegou à beira da hiperinflação. A incapacidade de levar a cabo um programa de estabilização bem-sucedido explica-se, tanto pela turbulência política, quanto pela falta de consenso dos formuladores de políticas públicas em relação à estabilidade monetária como condição para o crescimento sustentado. Em março de 1964, o regime militar destituiu o governo de João Goulart. Seguiu-se um período de intensa turbulência política e instabilidade econômica, com a instauração do parlamentarismo, a volta do presidencialismo, até a instauração do regime militar em março de 1964.

Em 1961, o Movimento da Legalidade se espalhou no Rio Grande do Sul, e a região do interior do Estado não ficou alheia a resistência política, segundo Ferreira (1997, p. 7):

Em Caxias do Sul, Sapucaia, Pelotas, São Leopoldo, Soledade, Passo Fundo, Carazinho e em muitas outras cidades foram fundados comitês com milhares de voluntários. Em Passo Fundo, Romeu Barleze, enviado pelo governador, encontrou o apoio de mais de mil habitantes da cidade, os quais, para impedir o transporte de tropas militares pela ferrovia,

---

<sup>4</sup> João Belchior Marques Goulart, conhecido popularmente como "Jango", foi um advogado e político brasileiro, 24º presidente do país, de 1961 a 1964. Antes disso, também foi vice-presidente, de 1956 a 1961, tendo sido eleito com mais votos que o próprio presidente, Juscelino Kubitschek.

<sup>5</sup> Podem-se encontrar várias formas de grafia do termo: "Grupos de Onze", "Grupo dos Onze", "Grupos dos 11", e até mesmo "G11", segundo Baldissera (2005, p.13). A forma aqui utilizada será "Grupos de Onze".

<sup>6</sup> Leonel de Moura Brizola atuou como engenheiro civil e político brasileiro. Considerado um líder da esquerda e um político nacionalista, governador do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, sendo o único político eleito pelo povo para governar dois estados diferentes em toda a história do Brasil.

despejavam óleo nos trilhos. Nos aeroclubes do interior, “teco-tecos” patrulhavam as fronteiras do Estado.

Complementando, com a lembrança de João Paulo Formica sobre a Campanha da Legalidade, em Viadutos, ex distrito de Erechim, ressalta:

Lembro que em Viadutos passaram muitos trens de soldados rumando a M. Ramos. Um deles foi recepcionado pela população local que brindou os soldados com doces, cigarros, frutas... Lembro também que passaram vários comboios de viaturas militares. Se não estou enganado, em Viadutos houve um chamamento para voluntários, enfermeiras e doadores de sangue. Felizmente, nada disso foi necessário. Todas as rádios gaúchas cessaram as programações normais. Não se ouvia músicas e nem comerciais. Através da Campanha da Legalidade, só se ouvia marchas e dobrados militares, o Brizola e outros políticos conclamando o povo a resistir à tentativa de golpe. Era um verdadeiro clima de guerra. Muito medo por parte de uns e demonstração de brio por parte de outros, muita tensão, muita incerteza (Entrevista: FORMICA, 2021).

Na entrevista percebe-se o clima de tensão sobre a situação política do país, também era vista no interior do Estado. Mársico apoiador do movimento da Legalidade liderada pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola<sup>7</sup>, enviou ao Presidente do Supremo Tribunal em Brasília um pedido de *habeas corpus* a favor da posse de João Goulart, conforme a reportagem *Erechinense Impetra no Supremo Tribunal Federal habeas corpus preventivo em favor do Vice-Presidente*, publicado no jornal *A Voz Da Serra* de 30 de agosto de 1961:

Presidente Supremo Tribunal Brasília. Qualidade advogado militante cidade de Erechim cenário grandes lutas passadas Defesa Nacional através igualdade perante a Lei momento Nação Brasileira assiste estupefata petulância três mosqueteiros internacionais pretendem impedir não somente posse mas chegada Brasil Presidente Constitucional eleito vontade soberana nas urnas tomo liberdade de impetrar esta Corte Suprema Justiça presente ordem preventiva “Habeas Corpus” favor João Marques Belchior Goulart para que sua excelência ameaçado publicamente sua liberdade pessoal obtenha reconhecimento suas imunidades e possa assumir as funções delegadas Povo Brasileiro sem derramamento de sangue. Parece incrível Nação como nossos três ministros militares intérpretes unicamente aristocracia reacionária pretendiam impor sua vontade de Soldados mimados guloseimas. Tio Sam sobre Congresso Nacional exigindo votação mensagem inconveniência chegada e posse Presidente Constitucional República (MÁRSICO In: A VOZ DA SERRA, 30 ago.1961, capa).

Em Erechim, Gladstone Osório Mársico se posicionou como militante da cidade, além disso houveram voluntários que se alistaram ao exército da Legalidade. As forças da Brigada Militar

---

<sup>7</sup> Leonel de Moura Brizola atuou como engenheiro civil e político brasileiro. Considerado um líder da esquerda e um político nacionalista, governador do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, sendo o único político eleito pelo povo para governar dois estados diferentes em toda a história do Brasil.

exerceram vigilância no Aeroporto e colocaram tratores nas pistas de pouso. Ocorreram reuniões no Círculo Operário e dentro da Prefeitura, o Prefeito José Mandelli Filho criou o Comitê Pró-Defesa da Legalidade<sup>8</sup>. Esse cenário político é descrito em *Cágada*:

O país vivia momentos difíceis. Estava-se no ano de 1964 e Jango desgovernava o Brasil depois daquela misteriosa renúncia de Jânio. Murmurava-se que haveria uma nova revolução, mas ninguém acreditava. Falava-se muito em forças ocultas desde que Jânio se amoitara na base aérea de Cumbica e depois resolvera fazer um turismo pela Europa a bordo dum cargueiro. E falava-se que, não demoraria muito, Jango seria *desmancado*, principalmente depois que, imitando Jânio, embora no seco, dera uma de marinheiro apoiando alguns cabos de esquerda numa gafeira de muita proa (MÁRSICO, 1974, p. 175).

Aqui, Mársico traz a representação da renúncia de Jânio Quadros, e o olhar de desconfiança que era visto seu vice João Goulart pelos americanos em virtude de suas ligações com a esquerda radical nos sindicatos, e por ele não ter afinidade com o renunciante. Chiavenato (1994) ressalta que Leonel Brizola desempenhou um papel principal de resistência para o cumprimento da Legalidade. De acordo com Chiavenato (1994, p. 12), então, Brizola,

abriu o Palácio Piratini- sede do governo gaúcho- ao povo. Praticamente transformou a milícia estadual em uma força reacionária. Montou uma rede telefônica que transmitia notícias para todo o Brasil, a partir de Porto Alegre. A atuação firme e decidida de Brizola levou, inclusive, o general Machado Lopes a permanecer ao lado da Legalidade.

Leonel Brizola e o general José Machado Lopes, em diversos políticos e setores da sociedade defenderam a manutenção da ordem jurídica previam a posse de João Goulart. Já os militares defendiam um rompimento na ordem jurídica, o impedimento da posse do vice-presidente e a convocação de novas eleições. Em *Cágada*, o autor adota personagens verossimilhantes e Leonel Brizola é representado:

O Comandante teceu longos elogios ao seu querido Brizola, embora alguns excessos de ultimamente. Conhecera-lhe muito o pai desde quando era vendedor de cavalos. O Brizola já naquele tempo demonstrava que mais dia menos dia seria líder [...].  
- Não vá me dizer, Comandante, que o Brizola é seu parente... – comentou o Perna de Pau.  
- Pois olhe, bem que eu me sentiria honrado [...]. Fiquei sabendo os senhores que morei algum tempo escondido em Carazinho antes de vir para cá [...] Era tico de gente, *piazote*, mas

---

<sup>8</sup> Surgem as reportagens no jornal; *Solução do Círculo Operário Erechinense; Erechinense alista-se voluntariamente no Exército da Legalidade em defesa da Constituição Brasileira; Comitê Pró-Defesa da Legalidade*, conforme *A Voz Da Serra* (30 ago. 1961, capa) e *Guarnecido o Aeroporto de Erechim* (A VOZ DA SERRA, 1 set. 1961, capa).

esperto e precoce como poucos. Certa feita se meteu numa enrascada, coisas da mocidade [...]. Tudo começou quando o danado resolveu organizar um time de futebol, espécie de grupo de onze, e lançou a ideia dum campeonato juvenil pela redondeza. Mas era engraçado; ele é quem organizava o time dos outros [...] E assim foi se expandindo a sua ideia por Passo Fundo, Marau, Casca, etcetera e tal, até que formou uma verdadeira liga que passou a representar força e uma ameaça. Quando ele e seu grupo de confederados resolviam querer alguma coisa ninguém podia dizer não, pois se uniam [...] Brizola resolveu fugir... (MÁRSICO, 1974, p. 185).

Leonel Brizola, “era filho de pequenos proprietários rurais do interior de Carazinho, então distrito de Passo Fundo [...] emergiu como candidato natural do PTB ao governo do estado” segundo Felizardo (2003, p. 29). Acredita-se que Mársico, apesar de fazer sátira com a figura pública de Brizola demonstra no trecho acima, uma certa exaltação ao líder de seu partido. A personagem, não judeu Capitão usa a expressão “Brizola é seu parente? ”, para a personagem Comandante, então ele responde que “se sentiria honrado” se fosse. Aqui, deduz que como escritor, estava apoiando o movimento liderado por Brizola. Sobre a origem do Grupos de Onze,

os grupos de onze, formados entre o final de 1963 e o início de 1964 sob a liderança de Leonel Brizola, foram um fenômeno de curta duração. No entanto, sua formação teve grande repercussão política e povoou o imaginário da sociedade brasileira. Vistos como grupos para militaristas prontos para deflagrar uma ação revolucionária e instalar o comunismo no país, foram alvo de denúncias, perseguições e prisões (BALDISSERA, 2005, p. 173).

Em *Cágada*, criou-se um grupo de onze com as personagens: Ovo de Páscoa, Babico, Perna de Pau, Comandante, Mister Glupp, Muja, Lady Hilda e Lady Salma e Maneio e seus suplentes. Na trama o personagem Comandante ouve na rádio o chamado de Brizola e organiza a criação de um grupo de Onze. A literatura transforma o real, nesse sentido, muitos dos elementos do externo que Gladstone presenciava, como os chamamentos de Brizola no programa radiofônico, influenciaram o interno da narrativa, o grupo de onze, é exemplo disso. Em *Cágada*:

Realmente, Cágada foi o primeiro município do Brasil a ter o seu grupo de onze divulgado pela Rádio Mayrink Veiga. E com uma particularidade: o grupo de onze – anunciou o locutor- era formado de toda população do perímetro urbano, suburbano rural. Verdade que na relação apareciam estranhamente, de um lado, nomes como Ovo de Páscoa, Perna de Pau, Comandante, Babico e mais três inteligíveis, e de outro Mister Glupp, Muja, Lady Hilda e Lady Salma. O locutor ainda comentou que, com toda a certeza, deviam ser pseudônimos de gente famosa que a modéstia vetara à publicidade, ou nomes de ação, de guerra, gente disposta ao que desse e viesse (MÁRSICO, 1974, p. 184).

Mársico trouxe a representação da divulgação via divulgação das listas dos envolvidos nos Grupos de Onze via rádio Mayrink Veiga e como eram as listas com os nomes dos envolvidos nos Grupos de Onze. Segundo Baldissera (2005, p. 74): “surgiu a lista com os nomes de seus integrantes na “rádio Mayrink Veiga, na Guanabara, na Rua Mayrink Veiga, nº 15”. Na lembrança de um do entrevistado, Jayme Jochelavicius sobre os meios de comunicação para se ter acesso as notícias do país, ressalta:

Isso era através de rádio. Tinha rádio e tinha a rádio Nacional, a rádio Guaíba, a Mayrink Veiga que era do Rio, e até a BBC de Londres se pegava, e tinha uma hora por dia em português, e aí ficava sabendo das notícias do mundo né (Entrevista: JOCHELAVICIUS, 2018).

Também, para o entrevistado João Paulo Formica, complementa sobre os meios de comunicação e comenta sobre o programa de rádio promovido por Leonel Brizola, em sua lembrança,

Era principalmente através do rádio e de jornais. Algumas poucas pessoas assinavam revistas (“O Cruzeiro” e “Manchete”). Disponho de muitas revistas “O Cruzeiro” das décadas de 50 e 60 e já dá para concluir que a grande imprensa da época era nitidamente conservadora, ou seja, era direitista. Não foi à toa que Brizola, quando governador do estado criou um programa através da Rádio Farroupilha para levar informações ao povo gaúcho. Isto ocorria às 22 horas das sextas-feiras. Depois, quando eleito Deputado Federal pelo antigo estado da Guanabara, através da Rádio Mairink Veiga, ele levou esta experiência a nível nacional.

De acordo com Zonatto (2010, p. 29): “cada grupo deveria ser formado por onze pessoas à semelhança de um time de futebol. Estas unidades poderiam ser articuladas e reunir um imenso contingente do povo brasileiro”. Além do nome da rádio e da organização das listas, aparece em Cágada, sobre a formação do grupo,

— Mas por que onze? - quis saber o Perna de Pau.  
— Pois isto não é a pátria do futebol? - retrucou o Ovo de Páscoa. [...]  
— Já imaginaram a propaganda para o nosso município?  
— Exclamava o Ovo de Páscoa. Cágada será o primeiro do país a formar o seu grupo de onze, custe o que custar. E vai ser para já!  
O Ovo de Páscoa lavrou a ata direitinho, como mandava o figurino nacionalista, o Comandante de conselheiro, o Perna de Pau e Babico na conferência dos pontos e vírgulas, e foi à procura de Mister Glupp e família para a coleta das assinaturas.  
— Mister – explicou – vamos inscrever um time na Federação e precisamos do seu nome e do resto da família para completar os onze. Até agora somos apenas sete. Enumerou-os (MÁRSICO, 1974, p. 183).

Nesse aspecto, Mársico quis expressar a ingenuidade a falta de conhecimento de organização

política que os envolvidos tinham sobre o movimento, nota-se que as personagens ficcionais não entendem o motivo para formação do grupo, acreditando participarem de um time de futebol, colocam seus nomes na lista da rádio Mayrink Veiga.

Aqui, queria satirizar essa organização com um time de futebol, porque sabia que os envolvidos eram agricultores dos pequenos povoados da região do Alto Uruguai, pessoas que tinham baixa escolaridade e com poucas noções de movimentos partidários, que conforme Baldissera (2005, p. 180):

O baixo nível de alfabetização do povo situação que caracterizava a região do Alto Uruguai também contribuía para essa disposição crédula de atender aos chamados de Brizola sem questionamentos ou críticas. Ao mesmo tempo, as pessoas queriam participar da política do país e, se era importante formar os grupos para que as reformas de base se efetivassem, elas não se omitiriam. Então, muitos, espontaneamente, apenas por ouvir a rádio, saíam de casa em casa – no caso das áreas rurais, onde os moradores viviam a vários quilômetros de distância, a pé ou a cavalo, para obter os onze nomes necessários para as listas. A respeito do comunismo nada conheciam e, muito menos de uma possível guerra revolucionária; sequer sabiam que a Revolução Cubana havia acontecido. Entretanto, para eles, Leonel Brizola era muito presente e queria um Brasil melhor, um país ao qual todos aspiravam.

Na lembrança de João Paulo Formica, sobre alguns dos envolvidos em Grupos de Onze em Viadutos, ex distrito de Erechim, ressalta:

Em Viadutos, por sua vez, esse grupo foi organizado. Tenho a lista dos que o assinaram e o nome do organizador. Por depender de autorização para divulgar os nomes eu não posso fazê-lo aqui. No entanto, o nome do organizador do grupo eu digo: era Hugo Barberini, à época jardineiro da praça de Viadutos. Poucos dias depois do golpe, ele e o meu pai [Pedro Paulo Formica] se tornariam os primeiros dois presos políticos de Viadutos (Entrevista: FORMICA, 2021).

O chamamento radiofônico de Leonel Brizola, a classes populares é representado. Em *Cágada*,

Os grupos de onze foram lançados por Brizola num dos chamados “programas do lobisomem” porque transmitidos todas as sextas-feiras à noite, pelo rádio, fazendo jus ao provérbio de que água dura em pedra mole tanto dá até que emburra. Neles, o “herói da legalidade” incentivava toda a companheirada para que formasse as suas panelinhas de resistência aqui e acolá na expectativa de que, galho a galho, macaco a macaco, breve estaria formada em todo Rio Grande e quiçá no Brasil uma fauna especializada e comunitária capaz de resistir à bananosa dos “gorilas” (MÁRSICO, 1974, p. 182).

Também historicamente é popular a fama de Leonel Brizola ser considerado um “herói”, que convencera multidões. Mas, com o golpe militar, segundo Felizardo (2003, p. 72), “os heróis de ontem passaram a vilões. Brizola especialmente foi vítima de intensa campanha de difamação. Os grupos dirigentes e os militares golpistas nunca puderam perdoá-lo”. Mársico utiliza do recurso de Leonel Brizola ao se dirigir aos golpistas de “gorilas”, que conforme Barbosa (2011, p.11):

Brizola, muitas vezes, em seus discursos e pronunciamentos, referia-se a seus adversários, comparando-os a animais. Essa peculiaridade de sua fala é evocada quando o narrador refere-se ao uso do pseudônimo “gorilas” para se referir ao alto escalão do exército brasileiro.

Em *Cágada*, os apoiadores do movimento dos Grupos de Onze foram presos, “não foi difícil. Da manhã seguinte, ao meio-dia, aprisionaram os seus integrantes” (MÁRSICO, 1974, p. 201). Então, Mársico deixa sua cidade imaginária praticamente desabitada, devido a prisão das personagens da lista da Mayrink, por uma força revolucionária, que invade a cidade e leva-os, sem entenderem o motivo de serem presos. Em *Cágada*, somente a personagem Padre Nero, que é o representante da igreja católica, não é preso, por não aceitar assinar seu nome na lista na ficção, isso leva-nos a deduzir a explicação que, segundo Chiavenato (1994, p. 30):

O clero conservador acreditava que as reformas levariam o Brasil ao comunismo. Pouco adianta discutir se certos bispos e cardeais eram ingênuos ou agiam a reboque das classes dominantes. O inegável é que a alta hierarquia da Igreja ficou contra Goulart.

Como na ficção de *Cágada*, os grupos de Onze de Erechim e região sofreram humilhações e são presos. De acordo com Baldissera (2005, p. 180),

as listas apreendidas na Mayrink Veiga e denúncias feitas eram o indicativo de onde estavam os “revolucionários”, os quais deveriam ser punidos. Os integrantes foram presos, sofreram humilhações e, em alguns casos, até mesmo torturas; as suas casas foram vasculhadas em busca de armas que não existiam – os registros mostram que foram encontradas apenas espingardas de caça, utilizadas pelos colonos, contrariando as expectativas de que os Grupos de Onze estavam fortemente armados. Tachados de perigosos, comunistas, famigerados e revolucionários, revelavam-se, contudo, inofensivos; inocentes que, dentro de um clima de insegurança, contribuíram, sem o saber, para que o enfrentamento entre forças radicalizadas se acentuasse, servindo de pretexto para a derrubada de um governador inclinado a realizar reformas.

Portanto, *Cágada* mostra as punições recebidas pelos grupos de Onze e como caracterizavam-se seus componentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo atingiu os objetivos de analisar as representações da Campanha da Legalidade e dos Grupos de Onze em *Cágada*, por meio de sua literatura Gladstone Osório Mársico, vereador filiado aos petebistas faz sua crítica sobre os dois episódios históricos aparecendo personagens verossimilhantes como Jânio Quadros, João Goulart e Leonel Brizola. Mársico traz a representação da agitação da Legalidade e da formação de Grupos de Onze no interior do Estado, principalmente em Erechim, local em que ele residia, mostrando os chamamentos de Leonel Brizola via rádio Mayrink Veiga e as prisões no Alto Uruguai. Por fim, transpôs um novo olhar pela literatura de como poderia ser vista a Legalidade e os Comandos Nacionalistas.

## REFERÊNCIAS

- BALDISSERA, Marli de Almeida; CIMA, Sônia Mári. **De campo pequeno ao grande Erechim**. Erechim RS: Edifapes, 2008.
- BARBOSA, Adilson. Comicidade e riso em *Cágada*, de Gladstone Osório Mársico. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**. Belo Horizonte, v. 5, n. 8, mar. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14079>. Acesso em: 28 jul.2022.
- CHARTIER Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- CHIAVENATO, Júlio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Moderna, 1994.
- FELIZARDO, Joaquim José. **A legalidade: último levante gaúcho**. 4ed. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.
- FERREIRA, Jorge. **A legalidade traída: os dias sombrios de agosto e setembro de 1961**. Tempo[online], Rio de Janeiro, Vol. 2,nº3,1997. Disponível em: [https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/artg3-7.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg3-7.pdf) . Acesso em: 18 jun. 2021.
- FORMICA, João Paulo. **Vivências em Erechim**. Entrevista concedida a Gláucia Elisa Zinani Rodrigues. Via facebook, 02 mar. 2021, p.15.

JOCHELAVICIUS, Jayme. **Vivências em Erechim**. Entrevista concedida a Gláucia Elisa Zinani Rodrigues. Erechim/RS, 26 out. 2018, p.30.

MACHADO, Maria Clara Tomaz; COSTA, Cléria Botelho da. **História & Literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

MAGALHÃES, Luís Claudio Bernardes de. **A sátira, o riso e a contestação em Vencecavalo e O outro povo de João Ubaldo Ribeiro**. Programa de Pós-graduação em Estudos da Literatura do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15331/Disserta%E7%E3o%20final.pdf;jsessionid=7D1ED44C09D6BBBD7435A18D4FA076CE?sequence=1>. Acesso em: 04 mai. 2023.

MÁRSICO, Gladstone Osório. **Cágada (ou a História de uma cidade a passo de)**. Porto Alegre: Ed Movimento. 1974.

MÁRSICO, Gladstone Osório. Erechinense impetra no Supremo Tribunal Federal habeas corpus preventivo em favor do Vice-Presidente. **A Voz Da Serra**, Erechim, 30 ago. 1961, capa.

RESENDE ANDRÉ LARA. **Economia brasileira: Notas breves sobre as décadas de 1960 A 2020. 60 Anos da Itaú Asset Management, 2018**. Disponível em: <http://iepecdg.com.br/wp-content/uploads/2018/02/180207ECONOMIA-BRASILEIRA.pdf> . Acesso: 20 mai. 2019.

RODRIGUES, Gláucia Elisa Zinani. **A representação do imigrante judeu na literatura do Rio Grande do Sul: Cágada e o exército de um homem só**. 2019, 235f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo/RS, 2019. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/2236>. Acesso em 11 set. 2022.

ZONATTO, Rejane. **O Grupo dos Onze no Brasil e no Vale do Taquari**. 2010, 98f. Monografia (Graduação em História)- Univates Centro de Ciências Humana e Jurídicas Curso de História, Lajeado/RS, 2010. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/81c65378-ae21-4150-b3f4-0bbf11fbe5fa/content>. Acesso em: 05 mai. 2023.